



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

MELANCOLIA: A DOR QUE TRANSCENDE A ESCRITA

RENATA MARIA SILVA DE SOUZA

João Pessoa

2017

RENATA MARIA SILVA DE SOUZA

MELANCOLIA: A DOR QUE TRANSCENDE A ESCRITA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

João Pessoa

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Souza, Renata Maria Silva de.

Melancolia : a dor que transcende a escrita. / Renata Maria Silva de Souza.- João Pessoa, 2017.

48f.

Monografia (Graduação em Letras - Língua portuguesa) –
Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes.

Orientador: Prof.º Dr.º Hermano de França Rodrigues

1. Psicanálise. 2. Melancolia. 3. Imagem.

BSE-CCHLA

CDU 159.964.2:82-31

RENATA MARIA SILVA DE SOUZA
MELANCOLIA: A DOR QUE TRANSCENDE A ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba. Aprovado pela banca aos 24 de novembro de 2017.

Banca Examinadora

Prof.º Dr. Hermano de França Rodrigues
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof. Dra. Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo
(Examinador I)

Prof. Dr. Emannelle Carneiro da Silva
(Examinador II)

Profa. Ms. Angeli Raquel Raposo de Lucena Farias
(Suplente)

*A Deus, aos meus professores e colegas de pesquisa na área da
Literatura, gênero e psicanálise.*

AGRADECIMENTOS

A graduação para alguns é o cumprimento de um dever. Para outros, uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Para mim a graduação é sonho realização e superação.

Então, sou grata a Deus que me permitiu essa conquista, além de sustentar-me com a destra da sua justiça em cada momento em que precisei de forças para continuar.

Bem como sou grata ao meu amado esposo, Adriano, que sempre esteve ao meu lado me encorajando a prosseguir com suas palavras motivacionais e sua compreensão.

Aos meus filhos, aos meus pais, aos meus irmãos e familiares que compreenderam minha ausência em alguns momentos de união.

Ao meu orientador Prof. Dr. Hermano Rodrigues de França minha enorme gratidão pelos momentos de interação e orientação, pela paciência, pelo carinho e por colaborar de forma decisiva na elaboração deste trabalho.

Ao grupo de pesquisa LIGEPSI, em especial ao Prof, Ulisses Lima pelos vários momentos de alegria e dificuldades compartilhados pelos tempos de considerável enriquecimento intelectual e pessoal.

A todos que contribuíram de maneira direta ou indireta nesta minha jornada todo meu carinho e respeito.

A todos vocês dedico essa vitória, a quem minha gratidão será sempre eterna.

*A solidão eu a conheço em toda a sua força magnífica. A morte eu espero ansiosa, com
toda a sua ternura. ”*

Adalgisa Nery

RESUMO

Trilhando nos caminhos do modernismo brasileiro Adalgisa Nery lança seu romance autobiográfico, *A imaginária*, em 1959. Sua escrita rompe com os ideais da época ao evidenciar a condição da mulher em uma sociedade onde o comportamento vigente recusa a igualdade de direito e deveres, contribuindo e exaltando o sexo masculino sobre o feminino. Instigada pelas belas artes, Nery emprega em sua narrativa imagens ficcionais de um passado macabúzio e de um futuro circunscrito na dor e na desilusão, cujo presente é marcado pela desesperança. *A imaginária* traz em seu enredo as recordações da vida de Berenice, uma mulher cujo ânimo lhe fora roubado pelas circunstâncias agrestes da existência humana, em outras palavras, a narrativa ergue-se em torno das memórias de uma mulher que vê sua vida sendo diluída perante a sôfrega ilusão de uma imagem utópica. De caráter soturno, o romance descortina a sensibilidade e o desencanto de um feminino frente a sagaz incompreensão e desamor daqueles que lhes deveriam propiciar bem-estar. Diante desse desaguar melancólico, numa discussão psicanalítica de base (pós)freudiana, discutiremos as sutilezas da melancolia na obra em estudo, cuja escrita sobrepuja a dor da existência humana.

Palavras chaves: Psicanálise. Melancolia. Imagem.

Resumen

Recorriendo los caminos del modernismo brasileño Adalgisa Nery publica su romance autobiográfico, *A Imaginária*, en 1959, su escrita rompe con los ideales de la época al evidenciar la condición de la mujer en una sociedad donde el comportamiento vigente rechaza la igualdad de derechos y deberes, contribuyendo y exaltando el sexo masculino por encima del femenino. Instigada por las bellas artes, Nery emplea en su narrativa imágenes ficcionales de un pasado taciturno y de un futuro circunscrito al dolor y desilusión, cuyo presente es marcado por la desesperanza. *A imaginária* trae en su trama las recordaciones de Berenice, una mujer cuyo ánimo le fue robado por las circunstancias secas de la existencia humana, en otras palabras, la narrativa se yergue en torno de las memorias de una mujer que ve su vida siendo diluida delante de la descorazonada ilusión de una imagen utópica. De carácter saturno, el romance descortina la sensibilidad y el desencanto de un femenino delante de una sagaz incomprensión y desamor de aquellos que le deberían de haber propiciado el bien-estar. Ante este desaguar melancólico, en una discusión psicoanalítica de base (pos)freudiana, dicorreremos las sutilezas de la melancolía en la obra estudiada, cuya escrita sobrepone el dolor de la existencia humana.

Palabras-clave: Psicoanálisis. Melancolía. Imagen.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	09
CAPÍTULO I	12
1. Melancolia ao longo do tempo.....	12
1.1 A Antiguidade.....	13
1.2 Idade Média.....	15
1.3 Século XIX.....	20
CAPÍTULO II	26
1. Advento da psicanálise.....	26
2. Horizontes freudianos: a concepção psicanalítica sobre o luto e melancolia.....	29
3. Perspectivas lacanianas sobre a melancolia: o fracasso no estágio do espelho.....	34
CAPÍTULO III	37
1. O brotar de uma escrita subjetiva.....	37
2. A voz do feminino.....	38
3. Noites frias: o estado de incompletude.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde muito cedo, ainda na infância, Adalgisa Nery despertou um encanto pela linguagem escrita, a arte literária. Sua percepção, ainda quando criança, pela arte poética propiciou um desabrochar sensível e aguçado no itinerário da sua escrita nas belas artes.

Um marco na trajetória na vida e na escrita dessa poetisa, que com delicadeza discorre em seus versos e em sua narrativa a sentimentalidade do humano diante das intempéries da vida, foi a perda do afago maternal.

Sua orfandade, na morte de sua mãe, traz grandes conflitos para o seu íntimo e para as relações parentais. Embora tenha ficado órfã ainda muito menina, Adalgisa envereda numa fase conflituosa quando o seu pai desposa uma jovem senhora. Por não conseguir criar laços afetivos com a sua madrasta devido ao seu comportamento hostil, a pequena órfã se rebela contra as relações fraternais que deveriam ser harmônicas. Sua fase de rebelião contra esse matrimônio desponta quando conhece Ismael Nery, seu primeiro marido, em 1922.

Conforme a biografia da autora, o casamento com Ismael Nery lhe proporcionou os primeiros passos no caminho das belas artes por meio das relações de amizade que o seu marido mantinha com *Jorge de Lima*, *Antônio Bento*, *Mário Pedrosa*, *Manuel Bandeira* e *Murilo Mendes*. Essas amizades fizeram fluir, como um manancial, o interesse de Adalgisa pela literatura, em princípio a poesia.

Além de propiciar uma relação amigável com esses renomes da literatura, seu casamento lhe oferece outras vantagens, por exemplo, viajar pela Europa e conhecer outros gigantes das belas artes, como: *Villa Lobos*, *Teran Chagall* e outros.

Após a morte do seu marido, em 1934, Nery deixa a vida cômoda do lar e ingressa no mercado de trabalho para garantir o sustento de sua família. A princípio ela começou a trabalhar na Caixa Econômica, posterior a esse momento, prestou serviços ao Conselho de Comércio Exterior, porém, Adalgisa nunca deixou seus encantos pela poesia se tornarem obsoletos, ao contrário, em 1937, lança, pela editora Pongetti, seu primeiro livro de poemas.

A partir desse momento, após o lançamento do seu livro, Adalgisa Nery ingressa fortemente na arte da escrita, passando a colaborar em jornais e revistas do Rio, como Dom Casmurro, O cruzeiro e o Jornal.

Dois anos após a sua viagem para os Estados Unidos, em 1940, casa-se com Lourival Fontes, jornalista e advogado, cuja função é dirigir o Departamento de Imprensa e Propaganda. Acompanhando os passos do marido, Nery se torna jornalista do jornal Última Hora. Embora tenha ingressado na política, tornando-se deputada, não obteve êxito, após três anos teve seu mandato cassado.

Órfã, mãe, viúva, esposa e mulher, Adalgisa Nery, falecida em 7 de junho de 1980, Rio de Janeiro, deixa seu legado na literatura modernista brasileira com as seguintes obras: *Poemas*, 1937; *A mulher ausente* (poemas), 1940; *Og* (contos), 1943; *Ar do deserto* (poemas), 1943; *Cantos de angústia* (poemas), 1948; *As fronteiras da quarta dimensão* (poemas), 1952; *A imaginária* (romance), 1959; *Mundos oscilantes* (poemas) 1962; *Retrato sem retoque* (crônicas), 1966; *22 menos 1* (contos), 1972; *Neblina* (romance), 1972; e *Erosão* (poemas), 1973.

Das obras acima citadas, *A imaginária*, publicada em 1959, cuja narrativa revela acontecimentos da vida cotidiana da autora, pois esta obra é intitulada como autobiográfica, embora os personagens sejam fictícios, os fatos narrados deixam subentendidos, conforme a autora, um pouco da sua história, além de conter fatos ficcionais, será nossa obra de análise. Em outras palavras, a personagem principal, “(...) a menina Berenice, defrontada com o sofrimento, com a morte, com o pasmo diante dos mistérios todos da vida, nos seus atritos com o mundo dos mais velhos, na sua fome e sede de ternura e de amor, indisciplinada, rebelde, sofrida e solitária”, (NERY, 1959, p.) sua história, será nosso *corpus* de estudos baseados nos conceitos psicanalíticos acerca da melancolia.

A estrutura organizacional deste trabalho está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado: *A melancolia ao longo do tempo*, discorre sobre a trajetória histórica da melancolia desde os tempos clássicos até o surgimento da psicanálise no século XIX. Tendo a perspectiva psicanalítica como diretriz teórica, o segundo capítulo, *O advento da psicanálise*, discorre sobre as concepções freudianas e lacanianas acerca da melancolia. Por fim, no terceiro capítulo, *O brotar de uma escrita subjetiva*, alicerçados nos conceitos psicanalíticos abordados no capítulo anterior, absorvo na narrativa de

Adalgisa Nery, *A imaginária*, analisaremos a estrutura melancólica da personagem Berenice.

CAPÍTULO I

1. A MELANCOLIA AO LONGO DO TEMPO

Aos que aspiram conhecer a fragilidade do humano diante da perda, ou o seu comportamento instável perante “as dores da alma desencantada” torna-se indispensável traçar um percurso histórico para uma compreensão empírica do complexo caminho que envolve e, ao mesmo tempo, descortina a essência/psique humana. Outrossim, a estrutura melancólica diz respeito a um sofrer singular, ou seja, sua constituição gravita envolta da dor do existir.

A melancolia, durante a passagem do tempo, sofreu transformações em sua estética. Cada época, desde os tempos gregos com a teoria dos fluídos humorais de Hipócrates até a psicanálise freudiana, a melancolia foi trajada por vários arquétipos conforme o ponto de vista conceitual de cada cientista que se dispôs em estudá-la.

A incógnita que circunda a melancolia suscitou uma diversidade de conceitos, porém, ora divergindo, ora se completando, os estudiosos tinham algo em comum - a sintomatologia da melancolia: distúrbio do sono, falta de ânimo, instabilidade no humor, cessação de interesse pelo mundo externo, desejo de morte, inibição e baixa autoestima.

Diante dos fatos, conhecer o caminho, embora complexo, da melancolia é uma ação prudente, pois ao percorrer os seus passos, de posse da história nasográfica, o pesquisador terá uma escrita, um dizer fundamentado. Além disso, sua visão para uma análise empírica terá alicerces firmados sem o risco de banalizar seus estudos com o senso comum.

As alterações ocorridas no decurso da história nos mostram várias mutações ao conceituar ou nomear o que seria a melancolia. Os gregos a explicavam a partir de um desequilíbrio da bile negra, os religiosos da Idade Média a viam como um adoecer do espírito – pecado. Por outro lado, os romancistas e filósofos, professam a melancolia como um caráter enaltecido dos homens excepcionais. A psiquiatria a descreve como uma patologia. Por fim, a psicanálise a concebe como uma neurose de defesa, uma ação singular do sujeito diante de uma perda.

Por isso, é imprescindível sermos conhecedor do seu rastro, afinal, nomes e interpretações foram sendo estruturados com o transcurso da história. A dor de existir é uma voz que ecoa desde a antiguidade até a época atual. Sua trilha percorre o senso comum, as artes, a filosofia, a religião, a psiquiatria e a psicanálise.

1.1 A ANTIGUIDADE

Com mais de 2 mil anos de história, o espinhoso sofrer melancólico deixa seu vestígio entre os gregos. Na história da humanidade, antes dos estudos de Hipócrates, os gregos atribuíam aos deuses as causas e consequências do estado de saúde dos homens como forma de castigo ou vingança.

Com o surgimento dos conceitos hipocráticos sobre a teoria dos humores, o pensar grego acerca das causas e consequências do adoecer físico e mental é visto por um outro viés. Agora, diante do pensamento empírico de Hipócrates, os gregos concebem suas ideias e passam a aceitar que as razões para o adoecimento do homem não é castigo ou punição dos deuses e, sim, um desequilíbrio humoral.

O Corpus Hippocraticum traz um novo olhar para as patogenias. O adoecer do homem tem como causa e consequência um desequilíbrio de substâncias corporais. Em outras palavras, Hipócrates constrói a teoria dos fluídos humorais. Para ele o excesso ou escassez desses fluídos oriundos da bile amarela, bile negra, fleuma, sangue são os responsáveis pelo adoecimento do corpo ou da mente. Conforme seus estudos o equilíbrio desses fluídos determinaria o bem-estar do corpo e da mente. Por outro lado, seu desequilíbrio acarretaria à doença.

Hipócrates marca a história ao desmitificar as causas e consequência da enfermidade humana. O Corpus Hippocraticum remove das mãos dos deuses a causa do adoecer e a transfere para o plano físico (o corpo). Segundo Cordás (2002) o cérebro passa a ser o centro das funções mentais e órgão portador das patologias.

O conceito de Hipócrates, que responsabiliza os fluídos corporais como causa das doenças, perdura por vários séculos como um dos métodos de elucidar os males que acometem a alma e o corpo. Ao apontar a causa, Hipócrates, objetivando manter o equilíbrio dos fluídos para evitar que o corpo do homem adoça pelo excedente humoral, sugere que o tratamento seja feito à base de infusão de ervas com propriedades purgativas e eméticas, exercícios diversificados, banhos de água quente e fria e dietas alimentares.

Tendo como base a teoria hipocráticos, Aristóteles traz um novo olhar para a melancolia, essa dor que dilacera a alma é benéfica, pois, segundo o filósofo, a melancolia era uma doença excepcional que afligia apenas os homens inteligentes, os pensadores, os artistas, os poetas, os ilustres. Afinal, estes homens eram mais propensos aos sintomas melancólicos devido aos níveis elevados da bÍlis negra em seu organismo.

Aristóteles diz nos *Problemata* que pela melancolia certos homens se tornaram divinos, predizendo o futuro como os sibilas, enquanto outros se tornavam poetas (...) e diz, um pouco adiante que todos os homens que se distinguiram em algum domínio, geralmente foram melancólicos. (BERLINCK, 2008, p. 29 apud AGRIPPA VON NETTESHEIM, 1992, p. 125)

Para Aristóteles, os fluídos produzidos pela bÍlis negra, em uma quantidade necessária, tornariam o homem um gênio, por outro lado, o excesso desses mesmos fluídos conduzi-lo-ia à doença. O pensamento aristotélico, no Problema XXXI, sua maneira construtiva de compreender a melancolia como a doença dos homens gênios influenciou outros que o sucedera.

Em sintonia com Hipócrates, o filósofo grego compreendia que a melancolia transitava entre a loucura e a genialidade, o que a definiria como doença de genialidade era a quantidade de fluídos encontrados no corpo. Por essa razão, o equilíbrio era o meio mais eficaz de manter a sanidade.

A ambivalência entre o quente e frio é determinante para o temperamento melancólico, conforme, Berlinck (2008):

A bÍlis negra é de natureza fria, mas pode apresentar estados distintos (do muito frio ao muito quente) e as modificações (tanto na quantidade como na qualidade da mistura) são originárias da alimentação diária. Dependendo do estado da mistura encontramos caracteres diversos (do topor à mania). Um aspecto enfatizado concerne à inconstância da bÍlis negra, porque a mistura da bÍlis negra, sendo inconstante, varia de um extremo ao outro, por vezes excessivamente fria, por vezes excessivamente quente. Sendo a bÍlis negra inconstante, os melancólicos são inconstantes e é pela “boa mistura” da inconstância que os melancólicos são seres de exceção. É da natureza da bÍlis negra ir de um extremo ao outro, isto é, ser excessiva, excepcional. (BERLINCK, 2008, P. 35)

A teoria de Hipócrates também é aceita por Galeno, preceptor das ciências médicas, que assumiu a tarefa de transformar, em uma unidade o saber psiquiátrico reunido desde o século V a.C, segundo Cordás (2017).

Galeno conclui, sob a influência hipocrática da teoria dos humores, que o desenvolvimento da melancolia, em sua fase inicial, se originava da bÍlis amarela, ao passo que a fase avançada/crônica da doença advinha da bÍlis negra.

Contemporâneo a Galeno, Areteus, embora não aceitasse a teoria humoral, concordava que a bÍlis negra desempenhava uma certa influêncÍa sobre os melancÓlicos, porém, no entanto, essa influêncÍa não era um fator deliberativo para a doençA.

Areteu, diferentemente do uso da épcA, empregou o termo “mania” não como sinônimo de loucura, mas de maneira bastante semelhante ao uso atual para os estados de grande alegria, furor, excitação e ideias de grandiosidade.

Ele diferenciava a melancolia causada biologicamente de outra, ocasionada por “reaçãO depressiva” psicologicamente determinada, como a perda de um ente amado. (CORDÁS, 2017, p. 50)

Ao percorrer outros caminhos, Areteu provoca modificaçõEs acerca do mal que aflige o homem ao diagnosticar a outra face da melancolia – a mania. Para este cientista, os melancÓlicos, em alguns casos, desenvolviam uma obsessãO, cuja fixaçãO alterava o seu estado de humor, ou seja, o humor oscilava entre tristeza e júbilo.

No transcurso da antiguidade, o tratamento para os melancÓlicos, para as doençAs ocasionadas pelo desequilÍbrio da bÍlis negra, era por meio das ervas medicinais, posteriormente, com a difusãO de novos conceitos outras formas terapêuticas sãO agregadas como: dietas alimentares, hidroterapia, banhos medicinais, caminhadas, massagens, evacuaçõEs provocadas por fusõEs de plantas com princÍpio ativo laxante, sangrias. Segundo Cordás (2017) “era indicado ouvir música suave ou discussõEs filosóficas para relaxar, banir o medo e mudar os pensamentos.”

1.2 IDADE MÉDIA

Os gregos atribuÍam aos deuses a causa das enfermidades como castigo e puniçãO. A partir dos estudos Hipocráticos uma nova razãO surgiu como causa para as doençAs do homem. Hipócrates, com sua teoria humoral, traz para o plano físico, biológico as causas pelas quais o homem adoce. Seus estudos romperam com a ideologia mística/sobrenatural para as doençAs e serviu, como preâmbulo, para outros pensadores e pesquisadores, ou seja, a teoria dos humores suscitou outros cientistas a olharem para as patologias de maneira empÍrica, biológica.

Embora a ciência tenha progredido a partir das reflexõEs hipocráticas em diagnosticar e tratar as enfermidades, na Idade Média houve um grande retrocesso. Detentora do poder, a Igreja regride o avanço da ciência quando, embora de forma ambÍgua, afirma que as

doenças recaídas sobre a humanidade são ocasionadas pelos castigos divinos devido ao pecado ou desobediência do homem aos princípios bíblicos. Os transtornos mentais eram tidos como possessão de espíritos maus - demônios, haja vista que os sintomas eram iguais em ambos os casos.

Na Idade Média, a ascendência dos que professavam a fé cristã fomentou uma deformação no ponto de vista das doenças mentais, haja vista que, nesse momento de domínio da Igreja Romana, os sacerdotes cristianizados relacionam os transtornos mentais ao transcendente, as forças espirituais, aos seres malignos. Conforme Agostinho de Hipona, o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, é único, pois Deus o agraciou, em sua plenitude, com um intelecto, com uma capacidade de raciocinar, de escolher, por meio da razão, o certo/o santo, do errado/o profano. Portanto, a perda da sanidade é entendida como um castigo, uma punição para uma alma transgressora/pecadora.

Em virtude dos ideais cristãos a melancolia era vista como um distanciamento do sagrado, por isso era marcada/julgada como pecado. Sendo assim, o melancólico era qualificado para receber o julgamento da Santa Inquisição. Em suma, na Antiguidade clássica, com Hipócrates e Aristóteles, a melancolia foi elucidada pela presença de uma quantidade excessiva e fortuita de bile negra no corpo, por outro lado, os clérigos e cristãos da Igreja Romana na Idade Média a reconhecia como um adoecimento espiritual, ou seja, um desfavor de Deus diante de uma desobediência dos princípios bíblicos. Norteados pelas narrativas bíblicas que descreviam vários casos, desde o Antigo Testamento até a Nova Aliança, de pessoas que por desobedecer à vontade divina, foram entregues aos espíritos maus, outras obtiveram a cura das suas enfermidades após a expulsão dos demônios de seus corpos mortais, afinal, “todo sintoma de doença mental era tratado como uma possessão demoníaca.” (CORDÁS, 2017, p. 75)

As doenças não ficavam livres do julgo religioso, principalmente as doenças mentais. Não mais como uma punição divina, a loucura na Idade Média é vista como obra do diabo. A epilepsia, os lunáticos, frenéticos, insanos, melancólicos; os personagens da Idade Média aflitos por doenças nervosas e mentais são tratados em um misto de repulsa e tolerância. (CORDÁS, 2017, p. 74)

Embora os princípios hipocráticos tenham sido difundidos, a supremacia da igreja provocou discordância de opiniões entre a medicina e os dogmas religiosos. Os galênicos defendiam o conceito que a melancolia era ocasionada por um desequilíbrio dos humores,

a Igreja Romana a concebia como pecado, uma vez que provocava, nos cristãos, uma ausência de envolvimento diante do que se passa em torno do sagrado, ou seja, os cristãos agiam com apatia.

Além disso, a autoridade clerical renomeia a melancolia, agora, passa a utilizar o termo acídia – proveniente do grego *akedia* -, cujo significado faz menção a apatia, preguiça, indiferença e enfraquecimento. A opressão religiosa foi um obstáculo para aqueles que corroboravam com a teoria Humoral. Sua tirania produziu um efeito danoso naqueles que carregavam consigo uma alma desencantada.

No início da Idade Média ocidental um novo termo aparecerá: acídia, palavra que tem o sentido de abatimento do corpo e do espírito, enfraquecimento da vontade, inércia, tibieza, moleza, frouxidão, ou ainda melancolia profunda. (...) A acídia era atribuída a um espírito maligno, o chamado demônio do meio-dia. (SCLAIR, 2003, p. 74)

A melancolia, a quem se atribuiu uma qualidade negativa, em razão da Igreja configurá-la como um afastamento da fé e das bênçãos divinas, foi transfigurada como um acontecimento infeliz, oriundo das forças demoníacas. Por esse motivo, as doenças mentais eram vistas como possessão maligna ou consequência de uma ação pecaminosa. Outrossim, a melancolia era uma moléstia que fazia o homem perder a comunhão com Deus, com o próximo e consigo mesmo.

Dante Alighieri, escritor, poeta e político, nascido em 1265, em Florença, Itália. Consagrado como o primeiro e maior poeta da língua italiana, retrata, na Divina Comédia, os homens que carregam consigo uma bagagem melancólica como lamacento “imerso no lodo do Inferno, não podendo ouvir nem falar, seu murmúrio incompreensível assinalando a afonia que marca a acedia.” (BERLINCK, 2008, p. 61)

Tendo como cartografia os textos bíblicos, para um viver “sadio”, livres da influência dos desejos carnisais, a igreja defendia a ideia de que o corpo humano era templo do Espírito Santo: “Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.” (I Coríntios 3:17) Em outras palavras, o Deus de Israel habitava no homem de forma especial.

De acordo com o clérigo medieval, embebecidos pela Escritura Cristã, éramos seres consagrados a Deus, santos, por isso, era necessário, imprescindível, que o homem cristianizado fosse irrepreensível na sua conduta, ou seja, o cristão deveria proceder com dedicação, de maneira idônea, as ordenanças cristãs descritas na bíblia.

A tradição católica bíblica determina que o corpo do ser humano nada mais é do que um templo para a alma, um templo para a graça do Espírito Santo. O corpo é o reflexo da alma, portanto, a profanação do corpo nada mais é do que a própria degradação da alma. Isso implica uma imensa gama de fatores da vivência da cristandade: a luxúria, a vaidade, as tentações da carne são vistas como pecado, e a penitência só pode ser realizada por meio do próprio objeto pecaminoso, pela autoflagelação. (CORDÁS, 2017, p. 60)

Ao se desviar do sagrado, cedendo aos desejos luxuriantes, o homem profanava o templo de Deus – o corpo. Os atos de gozo carnis abriam uma fenda entre a alma e o corpo, com isso, o homem cristianizado tornava-se suscetível aos ataques demoníacos. A abertura provocada pelos prazeres carnis dava aos demônios autoridade para possuir o corpo do pecador através das possessões malignas ou enfermidades.

A ideologia cristã primava por uma vida santificada, afastada dos desejos carnis (a luxúria, a vaidade, as tentações da carne). Conforme a Igreja, para restaurar o templo de Deus, era crucial que o pecador praticasse a autoflagelação ou o exorcismo.

Segundo Cordás (2017) a medicina no período medieval, ao comparar com os avanços da Antiguidade, referente à teoria Humoral, de Hipócrates, retrocedeu devido à maneira mística e tirânica com que os religiosos tratavam as doenças físicas e mentais. Além de exercer, com tirania os ideais cristãos, a Igreja Romana detinha sobre o seu poder os textos científicos.

No período da inquisição, homens e mulheres que portavam alguma doença mental sofriam as mesmas punições que os hereges e “bruxas”. Afinal, afirmava os inquisidores que distinguir um herege ou bruxo de um louco era difícil, uma vez que os sintomas eram os mesmos. Diante disso, a tortura e a pena de morte eram a sentença recebida. Por outro lado, para os eleitos, “as próprias formas de penitência para o pecado da acídia (ou preguiça) eram mais benevolentes com este do que com os demais “pecadores”, resumindo-se, em geral, à mera confissão.” (CORDÁS, 2017, p. 65)

O humanismo e o racionalismo, principais ideias dos renascentistas, provocam uma revolução no cerne da igreja. Uma vez que, no humanismo, existe uma valorização do ser humano e o racionalismo ressalta a importância da razão. Em outras palavras, ao divergir com o pensamento religioso, onde a melancolia era vista como doença da alma, sendo enquadrada entre os sete pecados capitais – gula, avareza, luxúria, ira, inveja, preguiça, soberba. Nessa convergência histórica, ancorados pelos princípios da Renascença - o humanismo e o racionalismo – os cientistas retornam aos valores gregos,

regressam aos conceitos do Corpus Hippocraticus e às ideias aristotélicas acerca da melancolia.

Envoltos nos pensamentos aristotélicos – onde os seres de grande genialidade, excepcionais, são os melancólicos – a época renascentista traz um novo olhar para a melancolia, agora, prendido às ideias de Aristóteles, a melancolia se transmuta em um manancial de inspiração para as criações dos poetas, pintores, escritores, filósofos e romancista.

A “epidemia de melancolia” renascentista influenciou muitos artistas da época, como se vê na conhecida *Melancholia I* (1514), de Albrecht Dürer que representa antes de mais nada, uma mudança de paradigma. A melancolia já não é uma entidade médica; não é doença: é metáfora. (SCLAIR, 2003, p. 81)

Segundo Sclair (2013) os artistas em seu entorpecimento, imergiam em suas lembranças. Para os homens excelentes, recorrer as suas memórias servia de inspiração, ou seja, de instrumento para o encadeamento de obras melancólicas. Para os artistas renascentistas o que vinha em primeiro lugar eram as suas memórias advindas do mais tenebroso e sombrio pântano. Destarte, “não há memória sem melancolia, não há melancolia sem memória.” (SCLAIR, 2003, p. 83)

(..) a teoria dos humores, a bile negra, seca e fria resumindo tristes pensamentos. Na gravura de Dürer contudo, temos uma memória – representada pelo cão – adormecida, desativada; o passado foi esquecido, é inútil. O futuro também não conta porque o sono, irmão da morte e conhecido componente da acédia, da melancolia, da depressão nega o porvir. O melancólico lembra, mas o que lembra é triste: ele se desliga do tempo – dormindo. (SCLAIR, 2003, p. 83)

Neste contexto, o processo de criação das obras, de suas insígnias, gravitava em conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se achasse associado à dor de existir, ao dessabor da alma

A visão renascentista, acerca da melancolia, compreendia que o homem melancólico “era capaz de produção intelectual e artística.” Ao resistir e renunciar o conceito clerical da melancolia/acídia como pecado, após ultrapassar as fronteiras religiosas, fluiu um pensar “mais secular, e, portanto, mais liberal”, conforme Sclair (2003).

A melancolia renascentista já não era a acédia de outrora: esta última, salientou o dominicano Battista da Crema, deixava a pessoa langorosa, preguiçosa, enquanto o melancólico era capaz

de produção intelectual e artística. O abandono do conceito de acédia decorreu, em parte, do debilitamento do papel da Igreja na avaliação da conduta humana, debilitamento esse decorrente da tendência a um pensamento mais secular, e, portanto, mais liberal, e ainda da Reforma protestante. (SCLAIR 2003, p. 75-76)

Outrossim, ao sair do recipiente religioso, a melancolia escoou e percorre os mesmos caminhos da medicina e dos “pensadores, no contexto do interesse pela mente característico do século XVI o século que vê o nascimento da ‘psicologia’”, diz Sclair (2003). O escoamento da melancolia, pelas ciências médicas e pensadores, prova um caráter ambíguo, em outras palavras, a melancolia, agora, é vista por dois vieses: biológico e espiritual.

1.3 - SÉCULO XIX

Na estação das Luzes, o brilho que cintilava o homem melancólico foi obscurecido. No século da razão, o homem melancólico não é mais visto como um ser excepcional, um gênio, mas como um ser incapaz de controlar suas emoções. Ou seja, a persona do melancólico como um sujeito de genialidade foi transformada em ser permissivo. Haja vista que, neste período, se primava por uma vida jubilosa, feliz, alegre. Diante da procura pela felicidade a melancolia foi, doravante, não mais vista como pecado, rotulada como uma qualidade negativa, uma vez que os dias do homem melancólico eram cinzentos e suas noites de interminável solidão.

Os intelectuais da Inglaterra, da França, da Holanda e da Alemanha ridicularizavam o pecado original e o pensamento dos clérigos de que a vida era um mar de lágrimas. A ciência e a tecnologia pensavam que levariam o homem a controlar as forças naturais, ao progresso social à prosperidade e ao controle e à cura de todas as doenças e, quem sabe, à imortalidade. (CORDÁS, 2017, p. 98)

Segundo Cordás (2017) o século XVIII é o responsável pela ruptura, suplantação e o “declínio do dogmatismo religioso e a ascensão do racionalismo.” Além de se opor ao pensamento religioso, o Iluminismo, sob a perspectiva de Cullen, um dos principais contribuidores para a medicina europeia e o primeiro a empregar o termo neurose, discorda da Teoria Humoral, atribuindo ao cérebro a responsabilidade das doenças nervosas.

Para Cullen, na melancolia ocorreria uma alteração da função nervosa, e não como “outrora” se pensava, dos humores. Assim a melancolia (e as outras formas de vesânia) poderia ser explicada ao se compreender que diferentes partes do cérebro estão em um mesmo e determinado momento, em estado desigual de “excitação” e “colapso”. Essa instabilidade primária levaria, então, à incapacidade de associar as ideias e executar o julgamento como descrito. (CORDÁS, 2017, p. 100).

O século XIX trouxe novas perspectivas acerca dos conhecimentos que se tinha das doenças psíquicas, novos conceitos despontaram a partir das transmutações médicas e psicológicas. Destarte, a melancolia, sob as correntes da ciência médica, sofre alterações em seus status.

Embora as concepções de Esquirol (lipemania) e as de Rush (tristimania) não tenham se sustentado com o decorrer das *upgrades* médicas, Cordás (2017) ambas foram responsáveis pela metamorfose do termo melancolia, além de sua transição para as patologias depressiva.

O termo “depressão” começa a aparecer mais intensamente nos dicionários médicos a partir de 1980. Ele passa a ser amplamente aceito, enquanto o termo “melancolia” é cada vez mais restringido. Termos simultaneamente cunhados, como Tristimania (Benjaím Rush) ou lipemania (Esquirol) não sobreviveram nem suas pátricas. (CORDÁS, 2017, p. 112).

O vocábulo “melancolia” cai em desuso, ou seja, “a palavra melancolia, consagrada na linguagem popular para descrever estados de tristeza que afetam alguns indivíduos deve ser deixado aos poetas”, diz Berrios. (CORDÁS, 2017, p. 112).

(...) o surgimento do conceito de depressão mental modificou a concepção sobre a melancolia, e sobre o adoecer psíquico. As doenças não podiam mais ser definidas pelo desequilíbrio entre os constituintes do corpo (à maneira hipocrático-aristotélica), nem como descontrole da relação entre os afetos e a vontade (à maneira Pinel e Esquirol). Além disso, a articulação clássica entre signo e sintoma já não podia ser mantida e os sintomas não definiam mais a essência do processo de alienação, de sorte que a noção de doença localizada numa parte do cérebro ou da alma exigia outras formas de demonstrações. (BERLINCK, 2008, p. 69)

Nesse intervalo de tempo, conseguido as premissas imprescindíveis, a melancolia e a mania, embora sejam intrínsecas, ou seja, façam parte da essência de algo, foram agrupadas no contexto da insanidade maníaco-depressiva.

Com Kraepelin, a ideia de loucura maníaco-depressiva leva à de “estados mistos”, isto é, de estados que não correspondem a mania nem à depressão e sim à mescla de ambas de sorte que mania e depressão não

apareciam mais como simplesmente sucessivas, mas como podendo ser concomitantes e apresentar-se sob forma de novos sintomas. (BERLINCK, 2008, p. 70-71)

Demência e melancolia, conforme Kraepelin, são dissemelhantes. Ao expor os argumentos de que a mania e a depressão estão relacionadas, “ocorre uma desintegração da melancolia como unidade mórbida”. Sendo assim, ao segregar a melancolia, Kraepelin abre o caminho para que a psiquiatria a suprima, com isso, segundo Berlinck (2008) a psiquiatria não apenas anula o termo melancolia como também a exclui ao relacionar mutuamente a depressão e a mania. Afinal, os estudos de Emil Kraepelin foram indispensáveis para essas mudanças, outrossim, o médico alemão foi o pioneiro em afirmar que não existe apenas um tipo de psicose e classificou as psicoses em dois grupos: a Psicose Maníaco-Depressiva e a Esquizofrenia.

A melancolia, desde os primeiros tempos, foi examinada, apreciada, discutida pelos gregos, médicos e filósofos, porém, conforme Cordás (2017) é no século XIX “que há uma depuração do conceito de melancolia e o surgimento do termo “depressão” com o sentido atual. ”

O progresso científico do século XXI estabeleceu a medicina como ciência. Os estudos científicos dos pesquisadores médicos trouxeram grandes contribuições para o avanço da ciência neste período. As pesquisas do francês Philippe Pinel trouxeram destaque para as reformas humanas acerca dos cuidados com os pacientes portadores de transtornos mentais.

As pesquisas acerca do comportamento humano, embora tenham recebido grandes contribuições dos cientistas alemães, franceses e russos, teve um crescimento lento devido à complexidade da sua área de atuação, a mente humana. Diante do complexo objeto de estudo, a ciência que estuda o comportamento do homem, as ciências médicas que conceitua, classifica e trata as psicopatologias, absolveu, em tempos transitório, elementos científicos e filosóficos.

De acordo com Cordás (2017):

(...) as mudanças no conceito da doença, na melhor definição psicopatológica dos sintomas e na classificação dos quadros psiquiátricos restringiram seu significado ao usado hoje. (...) O termo “depressão” começa a aparecer mais intensamente nos dicionários médicos a partir de 1890. Ele passa a ser amplamente aceito enquanto o termo “melancolia” é cada vez mais restringido. (CORDÁS, 2017, p. 112)

A evolução tecnológica não apenas alterou o conceito e as formas de tratamento das psicopatologias como também modificou a sociedade inserida nesse contexto do imediatismo da produtividade da informação, onde cada vez mais os relacionamentos tornam-se líquidos feito água corrente que desemboca no oceano se misturando com a imensidão do mar e se perdendo em uma extensão infinda.

Formado para o sucesso a qualquer preço, despojado de laços temporais e afetivos que lhe pudessem oferecer orientações e valores de conduta, inseguro e por isso mesmo propenso a acatar o discurso da autoridade o indivíduo é um vazio em busca de preenchimento. (BERLINCK, 2008, p. 156)

O avanço tecnológico, nos últimos anos (séculos XIX a XXI), vem ocorrendo com grande sagacidade. A eminente sistematização dos conhecimentos científicos tem proporcionado acessos imediatos a informações por meio de dispositivos que facilitam o desempenho gradativo do intelecto humano. Uma ferramenta eficaz para as práticas científicas, por outro lado, a tecnologia tem trazido grandes danos a psique devido à fugacidade dos relacionamentos, ou seja, o imediatismo tem transformado o homem em um personagem fugaz onde o instante para ele não mais existe.

Em seu livro *Melancolia rastros de dor e perda*, Berlinck dialoga com seus leitores, levando-os a refletir acerca desse instante fugidio, pois o homem necessita de raízes, de um passado, um futuro, de uma história para que seus alicerces sejam basilares em algo que o identifique como sujeito, haja vista que “a incapacidade para atar os laços do passado e do futuro colocam a sociedade e os indivíduos na mesma condição de Narciso, incapaz de amadurecer” (BERLINCK, 2008, p. 152). Portanto, essa maneira fluída de viver é danosa, pois gera uma sociedade adoecida mediante as necessidades psíquicas.

As pessoas foram forçadas a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea. Em comparação com a vida numa sociedade que se transforma com menos rapidez, hoje fluem mais situações em qualquer intervalo de tempo dado isso implica profundas mudanças na psicologia humana. (BERLINCK, 2008, p. 153)

Diante disso, com o passar do tempo, tornar-se cada vez mais nítido o quanto as inovações midiáticas tem influenciado de maneira intensa a vida das pessoas. Essa influência tem ocasionado uma desestrutura na psique humana, uma vez que as “pessoas procuram a ilusão momentânea de bem-estar antes da rápida obsolescência de seus valores, capacidades e posses” (BERLINCK, 2008, p.153)

Outrossim, a identidade é formada a partir da identificação, por isso, é indispensável que o sujeito pertença a algum lugar, a alguma coisa, em outras palavras, o passado e o futuro são necessários para que o homem se constitua como sujeito pertencentes de uma biografia, diz Berlinck (2008).

(...) as novas tecnologias deram origem a um tipo novo de publicidade *marketing* no qual não se vendem e compram mercadorias, mas símbolos veiculados por elas, isto é, vendem-se e compram-se imagens que, por serem efêmeras, precisam ser substituídas rapidamente. Em outras palavras, a mercadoria, que já é um fetiche, se duplica numa imagem de prestígio, poder, juventude, sucesso, competência, etc., portanto, num simulacro de si mesma e é esse simulacro que opera na esfera do consumo. (BERLINCK, 2008, p. 172).

Diante de todo esse bombardeamento das mídias, onde é vendido uma imagem perfeita, onde as relações são flutuantes e fluídas, engolfadas nessa sociedade narcísica, o homem reproduz o meio, ou seja, incapaz de criar raízes a psique/alma do homem contemporâneo é vazia, não existe um espelho basilar onde o sujeito construa suas significações. O século XXI é uma época fluída, por isso, tem fomentado homens/sociedade adoecida, narcísica.

E o sentimento de não corresponder a essa imagem engrandecida e perfeita de si, o sentimento da distância entre a onipotência e a falta, o sentimento inconsciente de uma perda irremediável e o impulso canibalista contra o outro que parece concretizar essas imagens. Tudo isso não é senão o efeito necessário do narcisismo, isto é, a melancolia (ou depressão). (BERLINCK, 2008, p. 174).

Por conseguinte, a indústria farmacêutica galga cada vez mais espaço, afinal, a efemeridade das significações produzidas nestes tempos fugidios tem provocado uma ascensão das patologias relacionadas aos transtornos severos do humor, em outras palavras, a subjetivação sintomática torna, desde o século XIX até os dias atuais, a depressão tem sido o principal sintoma de nossa sociedade.

Afinal, estamos no século onde o homem absolve, sem nenhum filtro, a efemeridade, gerando uma fragmentação desordenada e mortífera do ego ideal. Com consequência o homem contemporâneo perde suas relações com o tempo e a história. Com isso, o mundo e o ego ao qual ele habita torna-se vazio, restando apenas o silêncio da dor do existir.

Em suma, observamos no decorrer dos tempos, entrelaçado no contexto histórico de cada época as multiformas da melancolia, ou seja, o conceito do funcionamento do corpo e da alma sofreu várias metamorfoses no decurso de cada época influenciados pela

religião, pela forma de pensar e pelas múltiplas concepções da medicina. Por conseguinte, o anseio de compreender as causas que levava o homem a sucumbir diante da dor de existir, fez desaguar em cada época um princípio teórico para explicar a melancolia.

CAPÍTULO II

1- O ADVENTO DA PSICANÁLISE

Ficou evidente no século XIX o desenvolvimento tecnológico e industrial, haja vista que, as ciências exatas, como uma mola propulsora, alavancaram o potencial técnico. Além disso, houve uma sistematização do conhecimento científico nas áreas humanas, cujas transmutações influenciou o despontamento para outras áreas do conhecimento dentre as quais cito a psicologia e psicanálise.

Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista e psicólogo, foi considerado o criador da psicanálise, pois foi a partir da publicação do livro *Interpretação dos sonhos*, em 1900, que a ciência, capaz de propiciar a compreensão do próprio eu, vem a público.

O advento da psicanálise provoca uma ruptura no dizer nas ciências médicas acerca dos sonhos, visto que os médicos entendiam os sonhos como uma atividade cerebral sem significados, além de instigar aos médicos a observarem com mais afinco a forma de atuação dos seus analisandos, afinal, conforme a teoria freudiana, nem tudo o que o homem faz está totalmente sobre o seu controle.

Freud dá início aos seus estudos a partir da análise, realizada no seu consultório, dos seus pacientes histéricos. Para ele os sintomas histéricos não tinham uma razão física, ou seja, não havia nenhuma lesão cerebral ou muscular que explicasse a causa da doença. Diante dessa inquietude, Sigmund, conclui que a razão para tais sintomas é advinda de traumas psíquicos ocasionados por uma quebra psíquica. Em outras palavras, algo, na história do analisando, provocou uma ruptura capaz de paralisar ou atrofiar, na vida cotidiana, as ações do homem, haja vista que, para Freud, não há como dissociar vida psíquica de vida corpórea, pois ambas estão entrelaçadas.

Segundo os conceitos psicanalíticos, desenvolvidos pelo médico austríaco, existe uma ligação entre o corpo e a realidade psíquica, isto é, aquilo que o homem produz na psique não é separado daquilo que conhecemos como vida física, corpórea.

Outrossim, a psicanálise é uma ciência que leva em consideração a história do analisando, uma vez que é impossível dissociar os sintomas manifestados no corpo da subjetividade do sujeito, afinal, existe uma relação intrínseca entre a psique e o corpo, ou seja, o que é produzido no campo psíquico afeta diretamente o corpo.

À vista disso, ao teorizar a psicanálise, Freud, atenta para esse movimento cíclico, por isso, ele nos chama a atenção para observar a história do sujeito no momento de sua formação, afinal, esse movimento cíclico se dá em um momento específico durante o processo de formação psíquica. Em outras palavras, no período da infância, onde o homem aprende a se relacionar com o seu corpo e com o seu psíquico. Sendo assim, as significações absorvidas na fase da infância são levadas para a fase adulta.

Diante disso, buscaremos compreender em que fase da formação psíquica o melancólico ficou aprisionado, ou seja, não conseguiu fomentar significações que o estruturassem como sujeito em sua vida adulta.

Enclausurado em uma imagem utópica, sem as referências basilares, o melancólico, diante do espelho, busca encontrar no Outro o seu eu ideal. Portanto,

Por falta de um olhar próximo que lhe teria significado seu contorno, a criança não pode, naquele estádio do espelho, nem cair na ilusão da semelhança do duplo, nem assumir a verdade do erro. Engolido na falha da identificação originária, o melancólico está condenado ou a errar à margem de seus irmãos ou a agarrar-se a sinais de reconhecimento que ele teria elegido em um deles. Por isso, quando este referente é levado a desaparecer, o melancólico vê-se remetido ao vazio de sua identidade e ao mero recurso do canibalismo arcaico. (LAMBOTTE, 2000, p. 41)

Esse movimento cíclico gira em torno do prazer. Isto é, a libido, energia sexual, transcende o conceito da época onde a palavra libido denotava relação sexual, e pela psicanálise ela é concebida como uma energia que motiva o homem ao seu desenvolvimento psicossocial e intelectual. De outro modo, as energias libidinais liberam uma sensação de prazer que fomenta o sujeito a não se contentar simplesmente com as necessidades primárias conduzindo-o a buscar novas sensações prazerosas. Essa busca incansável pelo prazer é por Freud nomeada de sublimação. Em outras palavras, o homem desvia toda essa energia libidinal para produzir poesia.

(...) em função de situação energética, a de um limiar-fronteira entre o somático e o psíquico, cuja travessia requer a um só tempo uma certa quantidade de excitação e uma operação de conversão. Assim, a neurose de angústia e sua forma melancólica derivariam de um empobrecimento da excitação sexual somática, ao passo que a neurastenia derivaria de uma acumulação desta mesma excitação. Nesta hipótese, a carência em excitação somática, característica da melancolia, apresentaria, em contrapartida, uma espécie de deficiência no psiquismo, devida a seu isolamento do âmbito somático; daí essa hiperatividade do psiquismo que, em razão da falha de uma energia somática própria para “fixar” as ideias, se esgota numa ronda de pensamentos condenados a girar no vazio. (LAMBOTTE, 2000, p. 45)

Essa energia libidinal que o sujeito desvia para outros caminhos, no melancólico retorna para ele. Pois, em algum momento, na construção psíquica e corporal do sujeito um trauma foi gerado, ocasionando uma fenda. Para a psicanálise esse trauma remete a uma fissura emocional ocorrida no momento da formação psíquica/corporal. Diante disso, as imagens fantasmáticas que sustentariam o melancólico são fragmentadas, por isso, o indivíduo, cuja estrutura seja melancólica, ao se defrontar com essa realidade sofre uma descarga emocional capaz provocar uma desordem psíquica e corporal.

Todo esse investimento libidinal na busca por significações faz com que o indivíduo procure meios para uma estabilização, ou seja, o melancólico esmera-se em encontrar algo que o ajude a colocar em ordem, outra vez, a sua realidade psíquica.

É de fato este reconhecimento que se deve, custe o que custar, afirmar, para o Indivíduo, à força de determinações de que não sabemos nunca muito de que fontes ou figuras fantasmáticas elas provêm. E se o questionamento sobre nossa própria existência não pode encontrar uma resposta única e satisfatória na especulação, nada nos proíbe de tentarmos uma abordá-lo por outros caminhos e, notadamente, o da literatura. (LAMBOTTE, 2000, p. 111).

Por outro lado, essa tentativa de reestruturar a casa em que habita seja uma quimera, pois, “um corpo furado por um vazio é impossível de tapar”. Haja vista que, o corpo do melancólico foi retratado a partir dos outros, ou seja, o melancólico qualifica seu corpo como desconhecido, diz Lambotte, (2000, p. 93).

Diante do exposto, discorreremos sobre as questões que norteiam a melancolia a partir da analogia que Freud faz da melancolia com o luto. Além disso, faremos uma abordagem nos conceitos lacanianos acerca da psicose, uma vez que a melancolia está classificada como uma das formas da psicose que são os transtornos severos do humor.

Os conceitos apreendidos e supracitados serão empregados na obra *A imaginária*, de Adalgisa Nery. Onde no ensejo analisaremos a personagem Berenice, cujo dias são cinzentos e noites intermináveis.

A inquietação, o desassossego, a sensação irreprimível de fuga se alargaram sobre a minha alma, calafetando todas as frestas pelas quais pudesse passar uma brisa de tranquilidade, um perfume leve de vida sem apreensões. Havia qualquer coisa se processando lentamente sob minha personalidade confusa e ressentida. Todo e qualquer acontecimento insignificante, estranho aos códigos e medidas para os outros, entrava nas relações dos fenômenos sem formação, para o meu raciocínio. Hoje, depois de muitos anos de cruciantes angústias, de variadas e intensas emoções de alegrias, de sofrimentos, decepções mortais, fico pensando se muitas vezes não me torturei simplesmente com a finalidade de

experimentar a minha própria resistência ou de provocar florações novas num terreno aparentemente esgotado! (NERY, 1959, p. 71)

2- HORIZONTES FREUDIANOS: A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA SOBRE O LUTO E MELANCOLIA.

Sigmund Freud após teorizar acerca do narcisismo em seus inscritos publicados em 1914 traz uma proposta analógica para os estudos do luto e da melancolia. Embora a correspondência estabelecida entre os fenômenos do luto e da melancolia sejam distintos existe, de maneira intrínseca, propriedades semelhantes em sua sintomatologia e em seu trabalho de ressignificações.

O modo de proceder em suas pesquisas acerca do luto e da melancolia é semelhante aos métodos utilizados nos estudos sobre o narcisismo, ou seja, o trabalho de criação utilizados nas pesquisas analíticas são análogos, cuja única distinção são os objetos em estudo.

No ensaio *Luto e Melancolia*, Freud propõe estudar a melancolia recorrendo a uma analogia. Aplicará ali o mesmo procedimento que usou para o estudo do narcisismo, ou seja, deverá chegar a uma perturbação mental tomando como fio condutor uma manifestação normal: no caso do narcisismo, a analogia foi feita com o sonho; no caso da melancolia, será feita com o luto. (BERLINCK, 2008, p. 73)

O conceito psicanalítico da escola freudiana entende o luto como uma perda de algo ou de alguém cujos significados estão encadeados entre o sujeito e o objeto. Em outras palavras, o luto se faz necessário na dinâmica psíquica para o desenvolvimento gradativo humano, ou seja, amadurecimento.

Além disso,

(...) no luto não há uma disposição patológica porque, embora leve a um afastamento das atitudes normais para com a vida, não é duradouro, não define um modo constante de viver, e espera-se que essa normalidade seja passageira, não necessitando de tratamento médico. (BERLINCK, 2008, p. 81)

Embora o luto seja um processo normal diante de uma perda seu trabalho absorve bastante energia libidinalis. O movimento dinâmico da psique diante do trabalho do luto está envolto das pulsões de vida e de morte. À vista disso, a tarefa do luto é árdua e

dolorosa diante do objeto perdido, porém, após um período de tempo é superado. Por conseguinte, não necessita de intervenção médica.

Embasada nos conceitos freudiano acerca do trabalho do luto, Berlinck (2008, p. 87) nos diz que é perceptível encontrar dois eixos no processo do luto: “o de esforço penoso para vencer um obstáculo e o de superação/transformação de uma condição dada,”

Esse duplo sentido aparece na expressão do *trabalho do luto*, cujo objetivo é fazer com que o ego, pelo esforço de superação liberte-se do peso que o aflige, ficando novamente livre e desinibido, após a libido ter-se desvinculado do objeto amado inexistente. Em outras palavras, o trabalho do luto consiste em desinvestir o objeto perdido, renunciar a ele, levando a libido de volta ao ego para que este possa desejar um outro objeto. (BERLINCK, 2008, p. 87)

Por outro lado, quando o sujeito não consegue sair do estado de luto, ficando aprisionado na representação inconsciente do objeto, o luto deixa de ser normal e passa a ser patológico. Neste caso a intervenção médica torna-se indispensável.

O luto patológico se expressa com auto-recriminações por haver o sujeito desejado a desaparecimento do objeto erótico e ser culpado por sua perda – o que entra em ação aqui de a ambivalência das relações amorosas e uma predisposição à neurose obsessiva. Freud chama a este luto patológico de depressão obsessiva e considera que por intermédio podemos observar o que o conflito da ambivalência pode causar na ausência de uma retração regressiva da libido, isto é, sem a outra condição da melancolia. (BERLINCK, 2008, p. 117)

É irrevogável, no trabalho do luto, a presença das atividades libidinais das pulsões de vida e de morte. Afinal, a dinâmica do luto não se restringi meramente à morte de um ente querido, ou seja, o trabalho do luto também está relacionado as perdas reais e simbólicas que o enlutado sofreu no percurso do seu desenvolvimento.

Conforme a teoria freudiana, as experiências de perdas transpassam a esfera corpórea. Ou seja, o que é vivenciado no corpo afeta o psíquico e vice-versa. Haja vista que, a construção do sujeito se dá a partir das experiências vivenciadas desde o momento do seu nascimento, o período da infância (o complexo de Édipo), a passagem da infância para a adolescência, da adolescência para a fase adulta cada etapa experienciada é marcada por uma perda. Por conseguinte, as perdas vivenciadas pelo enlutado estar relacionadas as fases do seu desenvolvimento psíquico/corpóreo.

Destarte, a habilidade singular do analisando, desde a primeira infância até o envelhecer, em lidar com as perdas, gera um banco de imagens que serviram, ao decurso

da sua vida, como paradigmas, produzindo memórias que serão ativadas em decorrência de vivências posteriores.

De acordo com Ferreira (2014)

Em 1921, Freud dá passos decisivos em seu estudo sobre a identificação e, portanto, sobre a constituição do eu. Na parte VII do texto “Psicologia de grupo e análise do eu”, ele define o conceito de identificação como sendo “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo.” Além disso, a identificação serve de molde para a constituição do eu. (FERREIRA, 2014, p 131)

Portanto, é decorrente dessas identificações e investimentos libidinais que o trabalho do luto acontece. Haja vista que, o luto é uma reação normal diante de uma perda, além disso, após algum tempo ele é superado.

Envolto das teorias freudianas Ferreira (2014) nos diz:

“O teste da realidade revelou que o objeto não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto” (Freud, 1915/1917/1974, p. 276). Mas, segundo Freud, não é tarefa fácil uma pessoa abandonar uma posição libidinal. O fato de reconhecer a perda, na realidade, do objeto amado não impede que esse objeto permaneça carregado libidinalmente, já que o desligamento da libido não se efetua de maneira imediata, nem em uma só operação. Por isso, quando se perde um objeto, o trabalho do luto vai ocorrendo passo a passo, em sua sucessão de pequenas operações que “são executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido” objeto (Freud, 1915/1917/1974, p. 277). Assim, a pessoa evoca cada uma das lembranças do objeto perdido, e a libido vinculada ao objeto é hipercatexizada. A consequência é que o processo de desligamento da libido em relação às lembranças do objeto se realiza e libera novamente o eu, desinibindo-o. (FERREIRA, 2014, p 138)

Ao reconhecer o mecanismo processual do luto e as razões que conduz o homem para o estado do luto, Freud o utiliza para explicar a melancolia. De maneira dicotômica, Sigmund, discorre no ensaio *Luto e Melancolia (1915)* as semelhanças e diferenças entre o enlutado e o melancólico.

Ao discorrer sobre o assunto, Freud deixa claro que no luto o sujeito tem consciência do que perdeu, ao passo que na melancolia o objeto perdido é inconsciente. Ou seja, o melancólico não sabe o que perdeu. Embora o analisando saiba quem ele perdeu, ele não sabe o que perdeu nesse alguém.

Ao mantermos a hipótese da perda do objeto de amor como causa desencadeante da melancolia, ainda que esse objeto não esteja de fato

morto, nunca sabemos claramente, observa Freud, o que o doente realmente perdeu, da mesma forma que ele tampouco pode entender conscientemente o que crê ter perdido. (LAMBOTTE, 200, p. 80).

Por intermédio das reações perante à perda do objeto amado que a melancolia se compõe como uma melodia fúnebre. O universo que circunda a formação do melancólico é em sua constituição idealizado. À vista disso, é possível que o objeto de amor não tenha morrido, mas tenha perdido suas significações enquanto identificação.

Afinal, é por meio da imagem refletida no Outro que nos constituímos como sujeitos, em outras palavras, tomamos como sendo nossa a imagem que se reflete no espelho do Outro.

Esse resultado tem como causa o fato de que a escolha objetal foi feita sobre base narcísica. Como houve uma identificação narcisista com o objeto, é ao narcisismo que a carga retorna. A identificação narcisista com o objeto vem substituir a relação com o objeto, resolvendo assim o conflito entre o sujeito e a pessoa amada. A melancolia é, pois, um tipo de escolha objetal que regride ao narcisismo primitivo. (BERLINCK 2008, p 106)

Todavia, essas identificações são reeditadas durante o curso da vida com novas interpretações, ou seja, o melancólico busca em seu âmago a imagem de si que fora lacerado. Em outras palavras, quando o sujeito se encontra perante uma situação onde uma fenda se abre no narcisismo em decorrência de uma perda ou por meio de alguma mudança ocorrida em seu corpo o indivíduo busca reconstruir outras identificações que se assemelhe com o seu eu idealizado.

Conforme Berlinck (2008, p. 107)

A origem do ideal do ego se prende ao narcisismo infantil: a perfeição que o ego infantil se atribuía, sua auto-suficiência e beleza imaginária, é deslocada para o ideal do ego, que o resguarda das críticas do mundo externo. Freud o coloca admiravelmente: ‘Aquilo que ele projeta adiante de si, como seu ideal, é apenas o substituto para o narcisismo perdido da sua infância – a época em que ele era seu próprio ideal. (apud MEZAN, 1982, p. 107)

A teoria psicanalítica nos norteia para algo pertinente na construção do eu. Ela nos adverte que o eu ideal é constituído a partir do primeiro reconhecimento com a imagem, ou seja, o sujeito projeta para si, como sendo ideal, essa imagem, tornando-a como substituto narcísico do que foi perdido na infância. Por esse motivo, a perda inconsciente do objeto amado deteriora o ego, em outras palavras, deixa o ego fragmento, impossibilitando-o de superar o objeto - pessoa ou abstração - que outrora foi perdido.

Por consequência, é a perda do objeto ideal com o qual o ego está identificado que conduz o melancólico para a ruína. Haja vista que, o fusionamento do ego com o objeto culmina no âmago do melancólico a decadência da sua autoestima.

Destarte,

(...) é a perda do objeto ideal com o qual o ego está identificado que leva à perda da auto-estima. Esse objeto ideal é o ego ideal e é este, portanto, que é vivido sob a forma da perda certamente em decorrência de “aspectos inconscientes da formação do vínculo, mais especificamente ao fato de ter tocado na imagem do objeto ideal que comporia um eu igualmente ideal” (BERLINCK, 2008, p. 109)

Deveras, nos diz Berlinck (2008) que Sigmund nos esclarece, em seus estudos, que a fase primeira da escolha objetal é a identificação. Portanto, não é qualquer perda que provoca a melancolia, mas “a perda que está relacionada com a escolha narcísica, na medida em que o ego do melancólico está identificado com o ego ideal. ”

Por fim, o crepúsculo que envolve a melancolia está enraizado no solo das suas primeiras identificações, afinal, são elas que os definem, lhes estruturam como sujeitos. Por isso, “o melancólico aplica-se em perpetuar os ritos de uma cerimônia fúnebre cujos motivos ignora”, Lambotte (2000).

Depreendemos, diante do exposto, que os sentimentos fúnebres que afligem o melancólico não são possíveis de serem superadas na dimensão psíquica, afinal, o investimento objetal foi defectivo, cancelado e, por isso, a energia libidinal retorna para o “eu” fragmentando-o, Freud (1915). Por outro lado, no enlutado vemos fluir do seu âmago as mesmas emoções fúnebres: saudades, isolamento, tristeza, infelicidade, desilusão, desencanto pela vida, lembranças, dor, porém, elas são reeditadas, ou seja, após o luto completar o seu trabalho a energia libidinal é transferida para um outro objeto, em outras palavras, o “eu” está preparado para reiniciar.

Portanto, a melancolia toma uma parte de suas características do luto e outra parte da regressão, da escolha de objeto narcísica para o narcisismo. Ela é, por um lado, como o luto, reação à perda real do objeto amoroso, mas além disso é marcada por uma condição que se acha ausente no luto normal, ou que, quando aparece, transforma-o em patológico. (FREUD, 2010, p.183)

3- PERSPECTIVAS LACANIANAS SOBRE A MELANCOLIA: O FRACASSO NO ESTÁGIO DO ESPELHO.

No percurso de suas pesquisas acerca da constituição das estruturas psíquicas, Freud interagiu por meio de cartas e encontros com outros médicos, cientistas e seguidores dando origem a congressos conferências e a Associação Psicanalítica Internacional. A organização desse grupo despontou o surgimento de outros psicanalistas, dentre eles, como principal representante, o médico francês, Jacques Lacan (1901-1981). Enquanto alguns gravitava suas pesquisas na biologia, Lacan escolheu conduzir suas pesquisas na linguística, uma vez que para ele somos sujeitos constituídos pela linguagem.

Corroborando com as pesquisas freudianas, cuja retratação afirma que alguns indivíduos ao se depararem com a perda sofre grandes agravos psíquicos, Lacan ao retomar os conceitos construídos por Freud sobre o inconsciente, identificação e ego reafirma os conceitos constituídos por Sigmund sobre a deterioração que alguns sujeitos sofrem ao se defrontar com a perda. Afinal, a dinâmica processual da psique requer uma excessiva carga de energia libidinal que talvez não esteja disponível no devido momento, por outro lado, a estrutura psíquica do sujeito não suporta lidar com o vazio ocasionado pela perda devido a escolha objetual de suas identificações.

Outrossim, a deterioração do sujeito se dá pela falta de significantes. Pois a imagem do Outro é indispensável para que o sujeito se mantenha em equilíbrio. Haja vista que, a escolha objetual correu na primeira fase narcísica, ou seja, diante da perda o sujeito, fusionado ao objeto, sucumbe.

Conforme, Lambotte (2000)

Na marca do espelho, lugar das primeiras identificações estruturantes, indicadas pelos paradoxos freudianos deixados sem resposta, foi ali sem dúvida que o olhar do melancólico adquiriu definitivamente essa hebetude que o caracteriza, por falta de um outro olhar que, numa troca benevolente, lhe teria permitido tomar por sua a imagem a sua frente. Sabemos que o estágio do espelho se reveste para Lacan de uma importância primordial quanto à futura estruturação do sujeito na medida em que este recebe do Outro seus próprios cernes. (LAMBOTTE, 2000, p. 81)

No entanto, o sujeito à procura de seus referencias, embora incertos, não conseguem se reorganizar, por esse motivo, gradualmente, sua energia psíquica vai se

desintegrando, ou seja, o sujeito perde seus estímulos, se tornando inapto na busca por novas identificações. Afinal, “na relação com seu semelhante, na relação a dois, na relação narcísica, há sempre para o sujeito algo esvanecido. Ele sente que é o Outro, e o Outro é ele,” Lacan (1997, p. 43). Por esse motivo, “o melancólico arrasta atrás de si um rosto que ele ignora e um corpo que o estorva”, Lambotte (2000, p. 80).

A incapacidade de prosseguir se dá ao fato do melancólico está aprisionado na relação mãe-bebê. Conforme, a teoria psicanalítica os cuidados da mãe para a sobrevivência do bebê são imprescindíveis, porém, o engolfamento é mortífero para a estrutura psíquica do sujeito em sua formação basilar.

A chegada de uma criança ao mundo é marcada por uma indistinção entre o corpo do bebê e o primeiro Outro (por vezes, a mãe) que lhe dispensa suprir algumas necessidades que o corpo do bebê requisita para permanecer existindo. A pequena criança, contudo, nessa relação, é colocada no lugar de objeto desses inúmeros e valiosos cuidados, sendo satisfeita naquilo que seu corpo demanda. (...) No entanto, para a psicanálise, aquilo de mais fundamental que uma mãe (o primeiro Outro do bebê) pode transmitir a seu filho, não são apenas cuidados e carinhos dispensados a ele, mas sim um certo olhar que ama, acolhe e direciona à criança, e que também, por outro lado, se encaminha em outra direção. O “deslize” da mãe para posições outras (mãe sim, mas também esposa, mulher, dona de casa, etc.) é profundamente salutar. É no vazio deixado pela mãe entre clamor de seu pequeno filho (o choro que evoca a presença materna) e o atendimento de sua demanda (a chegada da mãe com seu seio) que a ligação mãe-bebê efetivamente nasce. Além disso, mãe deve ser aquela que é capaz de ler no “grito puro” {cri pur} do bebê – esse grito que não evoca nada além de uma insatisfação desarticulada -, um “grito para” {cri puor}, isto é, ela deve receber esse grito puro lendo-o como uma possível demanda direcionada ao Outro. (BRANCO, 2014, p.4)

O bebê também precisa sentir a falta da mãe para se constituir como corpo. Corpo que deseja (a mãe) e corpo que é desejado (pela mãe). O engolfamento da mãe provoca uma falha psíquica que aprisionará o bebê (o sujeito) como um ser incapaz de amar. Afinal, o sujeito se constrói a partir das identificações formuladas pela ação do Outro.

O relacionamento mãe-bebê é de suma importância para que o sujeito, ainda informe, abstrai suas identificações. A falha durante esse relacionamento trará sérios agravos a estrutura/formação psíquica da criança.

Em suas ausências, a mãe é capaz de transmitir uma falta a um ser que pode, a partir de então, ter a abertura de se ver como faltoso (condição para tornar-se sujeito), e não mais permanecer na posição de algo lançado à mercê dos caprichos e do gozo do Outro (correspondente à condição de objeto). Se o seio falta instaura-se uma perda que é condição para o

advento do sujeito. Nesse adiamento corresponde à uma possibilidade de abertura. (BRANCO, 2014, p.4-5)

É nesse relacionamento, segundo Lacan, que a voz se constitui. Isto é, a organização ou a característica primordial na formação do indivíduo está situado “no plano discursivo entre o sujeito e o Outro”. A falta de significação como objeto no exterior do discurso provoca o declínio/ a queda tanto do corpo em sua composição física quanto no corpo psíquico, o corpo do Outro.

À vista disso,

Na melancolia, ao se identificar ao objeto *a*, a morte do sujeito se presentifica no próprio eu. É radicalmente diferente do resultado d a neurose, na qual o processo culmina, no espelho, pelo reconhecimento e alienação na própria imagem, o que desemboca no fato de que o sujeito aí se constitui como um sujeito para a morte. (...) a melancolia apresenta a particularidade de o sujeito experimentar sua morte duplamente. Primeiro, em sua constituição: a morte do sujeito; depois, o sujeito carrega essa morte através de fenômenos mortificantes: a desvitalização, a automutilação, os delírios de autoacusação, os delírios de indignidade e de negação. As diferentes formas de retorno do gozo no real correspondem, para cada categoria clínica das psicoses, a característica específica do que se chama “morte do sujeito. ” (FERREIA, 2014, p. 157).

Em síntese, o sujeito melancólico não consegue reelaborar as perdas que estão vinculadas ao objeto de identificação narcísica, em outras palavras, no transtorno severo do humor o indivíduo sucumbe diante das perdas fantasmáticas, pois a ação feroz do superego pode fomentar não somente a queda do objeto, mas a queda da constituição corpórea do indivíduo por meio do “vazio de significação, devido à falta do efeito metafórico do Nome-do-Pai. ” (FERREIA, 2014, p. 157). Por fim, o fusionamento do sujeito ao objeto fortalece a pulsão de morte presente nas psicoses.

(...) na melancolia, trata-se de uma introjeção de um significante, mas essa introjeção faz retornar a Coisa. Ou seja, o objeto perdido, na melancolia, não seria outro senão a encarnação da Coisa, que, ao ser introjetada como significante, traz a morte. (FERREIRA, 2014. p. 165. apud DESSAL, 1988-1989).

Dessemelhante ao luto, onde o objeto é superado e o ego é livre para investir em outro objeto sua energia libidinal, na melancolia, a voz sagaz do superego tem uma função significativa para que o objeto recaia sobre o próprio eu, impossibilitando o melancólico de fazer a travessia nesse mar de imagem narcísica, ou seja, “o objeto não pode ser reencontrado, pois, em sua natureza, ele é perdido como tal. Isso é Ding. Das Ding diz

respeito ao objeto enquanto Outro absoluto (a mãe) que o sujeito visa a reencontrar.” (FERREIA, 2014, p. 160).

CAPÍTULO III

1- O BROTAR DE UMA ESCRITA SUBJETIVA

As ideologias do modernismo brasileiro foram apregoadas em 1920 cuja característica comportamental e estrutural são singulares a liberdade de expressão, contextualização e inclusão do cotidiano em uma linguagem informal. Segundo Bosi (2013, p. 323) o movimento modernista teve como “divisor de águas” a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.

No decorrer do movimento modernista as regras e os parâmetros utilizados pelos clássicos da criação artística foram quebrados abrindo espaço para novas técnicas de escrita no cenário das belas artes. Em outras palavras, “o intelectual brasileiro dos anos 20” adorna com múltiplas cores a ideologia da literatura brasileiro, diz Bosi (2013, p.325).

Nesse ínterim, Adalgisa Nery desponta com uma escrita que retrata os sentimentos de perda, de falta, de sofrimento, de desespero e de dor de uma mulher marcada pelo drama da existência humana em sua obra autobiográfica, *A imaginária*. A personagem Berenice é construída envolta de uma única imagem, cujo enredo se descortina a partir de suas memórias. A verossimilhança da narrativa está entrelaçada com a organização interna do enredo, ou seja, os traços que define a heroína e o mundo ficcional expressa e registra o sentimento de desespero e desesperança concebendo a verossimilhança, com isso a autora transcende a simples comparação do mundo real e o mundo ficcional.

A tessitura organizacional da obra é embasada no desnudamento da alma de Berenice e no enaltecimento da voz do feminino ao se debruçar sobre a dor que corroí a subjetividade humana. É nesse descortinar das emoções que a autora transforma as memórias da heroína em arte.

Diante disso, nossa pesquisa, embasada na psicanálise (pós)freudiana objetiva investigar na estrutura psíquica dessa efígie feminina o quanto a perda do amor aterroriza a afetividade dos seres humanos, em outras palavras, ao perder o objeto amado uma parte de nós é arrancada, ou seja, somos mutilados e voltamos ao nosso estado original de incompletude.

2- A VOZ DO FEMININO

Narrada em primeira pessoa, o romance conta a história da personagem Berenice. O enredo é circunscrito pelas características subjetivas de Berenice, além de descrever os fatos por ela vivenciados, desde a sua infância até a sua fase adulta, a narrativa pontua a opinião que a personagem tem sobre os acontecimentos, diante dessa parcialidade, na descrição dos fatos, não se pode enxergar nenhum outro ângulo da história da protagonista.

O enredo é marcado pelas características emocionais de Berenice, por isso, a personagem descortina apenas os fatos nos quais ele vivenciou, desse modo, a heroína, em seus relatos, provoca um clima de suspense, afinal, a escrita de Adalgisa Nery, neste romance, é densa, revestida com as agonias e aflições da heroína, em outras palavras, a narradora em seus relatos deixa circunscritos em sua epiderme a cicatriz dolorosa do existir, ou seja, as noites de Berenice são soturnas e os seus dias são cinzentos. Para ela não existe felicidade:

Não creio que haja nenhum período feliz na nossa vida. Às vezes há uma fase de inconsciência da infelicidade. Nesse espaço de tempo, julgamos estar vivendo uma época feliz. Em realidade, o descontentamento não veio à tona. Estava em gestação no acontecimento. Só notamos quando a ocorrência vem à superfície dos nossos cinco sentidos. Porém ele nunca deixou de existir. É a esse hiato entre a ignorância e o conhecimento do desagradável que denominamos puerilmente de “época feliz”. O próprio amor que é a mais verdadeira proximidade da felicidade, não é desligado jamais de um grande subterrâneo sofrimento. (NERY, 1974, p.73)

Berenice, personagem e narradora do romance, descreve os acontecimentos que gravitam em torno dela, assim, a narrativa é preenchida com sua subjetividade. Diante desse engolfamento o leitor é domado a compartilhar dos sentimentos de infelicidade vividos pela personagem. Além disso, ao emergir suas emoções, Berenice provoca no leitor um clima de suspense, ou seja, o leitor só irá conceber suas descobertas ao longo da história juntamente com a personagem.

(...) Constantemente passei a ver a mãe do meu marido em crises violentas, levantando para os meus olhos um espetáculo só vivido em manicômios. E o pior era que eu, fazendo parte desse ambiente, já me encontrava no palco das dilacerações. Meu marido passava dias e dias largado numa profunda tristeza. Silêncio muitas vezes e outras revoltado com a vida. Paulatinamente, o vi esmorecendo e tomado de desânimo. Falava-me com pessimismo e previa acontecimentos irremediáveis. . (NERY, 1974, p.102)

Descortinando os eventos vividos, o romance segue uma linha cronológica nos fatos elucidados. Berenice constrói sua narrativa envolto das relações familiares. Inicialmente, ela conta os fatos de sua infância, os enlaces mãe/pai, madrasta/pai. Posterior a esse momento seus relatos gravitaram em torno de sua vida, agora como esposa e mãe.

Sua narrativa é vigorosamente assinalada por características subjetivas, emocionais. Essa iminência nos fatos narrados nos revela, nas nuances de sua descrição, situações que não poderíamos conhecer. Por outro lado, essa relação íntima torna a narrativa tendenciosa, ou seja, impregnada pelo ponto de vista do narrador.

O movimento da casa aumentou e, como não podiam dar-me atenção, consolei-me em ficar sentada numa cadeira a um canto da sala, apenas vendo saírem e entrarem no quarto de minha mãe, confabularem a providência de chamar meu pai que estava na cidade. Nem para mim olhavam. O meu mundo crescia tão só que resolvi me abraçar. Cruzei os braços e sentia nas minhas mãos o tremor incontido das minhas carnes. Havia no meu pensamento um mistério manchado de sangue e gemidos abafados que me davam um limitado terror. Minha mãe partia-se em agonia surda e eu ouvia as palavras de piedade da nossa vizinha após cada gemido: “Coitada, ela não aguenta mais... Está se acabando.” Eu ouvia e imaginava. Os elementos para combater a minha imaginação eram precários, pois eu tinha oito anos e, apesar de tudo, ainda era um ser ingênuo e inocente, por isso a confusão e o medo nublavam totalmente a minha vontade se conservar a calma. (NERY, 1974, p.64)

Silenciada, Berenice encontra neste estilo de narração um meio pelo qual sua voz será ouvida. *A Imaginária*, destoa, sem interrupções, a história da própria narradora que se descreve como um sujeito inferior, afinal, desde a sua infância lhes adjetivaram como um ser desprovido de inteligência.

(...) “Está maluca”, “Essa menina não é normal”, “Onde essa menina aprendeu tanta tolice?” (NERY, 1974, p.26) (...) Apenas fui considerada como coletividade e, sendo assim, os detalhes da minha sensibilidade aguçada foram esmagados como coisa sem a menor importância. Mas confesso que nunca perdi a noção desse esmagamento assim como a perda da minha alegria simples. Diziam eles que a vida e a idade fatalmente trariam a correção necessária aos meus arroubos, às minhas revoltas, às minhas indisciplinas e me ensinariam a calar. Ainda não sei sem se a vida e a idade já obtiveram alguns resultados. Sei apenas que há tristezas que nos impedem de movimentar os lábios. (NERY, 1974, p.27)

Desvalida, a personagem encontrava refúgio em sua imaginação. Refugiada em seus pensamentos, Berenice, por vezes, queria ser árvore, outras, suscitava monólogos interiores como um meio de pôr em ordem seus pensamentos diante da condição árdua de desumanização por ela vivenciado. Esse refúgio delirante da personagem lhe servia

como uma via de fuga, em outras palavras, o desejo delirante de ser árvore e as vozes do seu âmago lhes serviam como um mecanismo de defesa para lidar com aquilo que se passava com ela, ou seja, essa rota de fuga construída por Berenice lhe servia como um meio de reedificação para aquilo que desabou.

Hoje, tenho uma enorme piedade daquela menina que descobriu o eco, daquela menina que desejou ser árvore e esperou ansiosamente pelas raízes que prenderiam o seu corpo à terra morna das tardes de verão!... Como essa menina era imaginativa era forte, era bela!... Como foi depois desfolhada e jogada aos ventos perdidos e aos violentos temporais! Que nostalgia tenho dela que só eu conheci, a menina de que só eu consegui guardar secretamente um fragmento do olhar e da voz! (NERY, 1974, p. 27) (...) Hoje me encontro muitas vezes me encontro num estado de afasia. Apesar de sabermos alguma coisa, passamos por experiências que dão à nossa vida reservas valiosas, há períodos em que tudo me escurece ou desaparece para ficarmos com o pensamento desligado de nós e dos resultados principais que a vida nos trouxe. Há uma dificuldade tão grande juntar as palavras como de compreendê-las, e com elas justificar nossos sonhos e os nossos desejos. O meu estado afetivo não tinha relação com o espaço e o tempo. Dentro desse mundo eu me situava como um cogumelo. Era uma outra coisa em forma de gente que havia brotado inesperadamente na umidade da tristeza e no pó da destruição. (NERY, 1974, p.82)

A *Imaginária*, escrita por Adalgisa Nery, no ano de 1959, descortina a subjetividade de Berenice, cujo âmago é assolado pela solidão, desamparo, incompreensão e desespero.

A combinação de elementos interligados que descreve, trazendo à tona, a voz de um sujeito esmagado pelo vazio de uma existência nebulosa, será nosso objeto de análise. Outrossim, norteados pelos conceitos psicanalíticos nos debruçaremos sobre a narrativa biográfica de Berenice, na tentativa de decodificar as marcas em um corpo tatuado pela dor da existência, ou seja, procuraremos desvendar o Outro que se descortina ao utilizar a escrita como um instrumento revelador dos fantasmas que lhe assombra.

3- NOITES FRIAS: O ESTADO DE INCOMPLETUDE

Na história autobiográfica narrada pela personagem, nas nuances de suas lembranças, Berenice faz uma retrospectiva ao retratar, na transitoriedade do tempo, os acontecimentos que causaram cicatrizes no seu âmago. Ao relatar a sua história a personagem descortina um Eu fragilizado, angustiado, sem esperanças de encontrar, na fugacidade da vida, alguma razão que lhe propiciasse uma existência cuja estação

predominante fosse a primavera. No entanto, seus dias são constituídos por um crepúsculo que atravessa cada época da sua vida. “Invade-me um sentimento de agressividade, colocando-me entre duas escolhas: a solidão ou a morte! A solidão eu a conheço em toda a sua força magnífica. A morte eu espero ansiosa, com toda a sua ternura.” (NERY, 1974, p.14)

Vemos no enredo dessa narrativa um corpo transpassado pelo Outro, pelo sofrimento, pelo vazio existencial. O corpo psíquico de Berenice é construído a partir de uma imagem desacreditada, uma imagem apresentada pelo Outro, cuja adjetivação lhe rebaixa qualquer valor, uma imagem depreciada. A identificação com essa imagem, a relação de encantamento, provoca em Berenice uma paralisia que culmina em um sujeito melancólico, destituído de qualquer forma de amor.

Símbolo neste grupo do que seria eu no futuro: uma mulher atravessando estradas sem sombra, sem rio, sem flores sob um sol escaldante, envolvida em poeira vermelha, azuerinada com o cricrilar de grilos e precisando tirar desse deserto calcinado ardente e infinito, uma paisagem imaginária que me guardasse, embora ficticiamente, da morte antecipada. (NERY, 1974, p.56)

Além disso, a identificação narcísica diz respeito a essa relação que o sujeito tem com a imagem e todo esse processo identificatório conduz ao investimento libidinal. Em outras palavras, ao se identificar com essa imagem, Berenice se agarra a uma personificação, cujo investimento de assimilação lhe extrai sua autoestima:

Eu me sentia um objeto sem categoria, sem definição, sem potencial próprio, sem elementos de força capaz de enfrentar as fabulosas tremendas e misteriosas surpresas da vida que estavam em gestação para combater-me e certamente vencer-me. Eu sentia então, que toda a soma reunida por mim futuramente, seria de um infinito ridículo para ser mencionada como coisa positiva. Verifico hoje que, realmente, nada posso apresentar como fragmento do mais, fora da minha essência, com esses elementos construí e apresentei parcelas autônomas de valor indelével. Não fiz outra coisa senão tentar vagamente de insurgir-me sempre contra a adaptação. Sei que o provisório é a própria vida e sei, também, que estarei nele sempre como acidente sem ao menos integrar-me momentaneamente. Posso modificar-me ou ser suprimida, mas nunca alterada a coisa provisória que realmente sou. (NERY, 1974, p.56)

Aprisionada no engodo dessa imagem que se apresenta, a narradora gradativamente vai de identificando, por conseguinte, ela faz dessa imagem sua carteira de identificação. Outrossim, vemos na personagem um sujeito autárquico *que com sua* argúcia administra o real. Por outro lado, o impacto causado por esse empobrecimento

desencadeia no "Eu" uma fragmentação, haja vista que o real é aquilo que o sujeito não pode simbolizar.

Um detalhe declarado com sinceridade e maior dentro da maior verdade é que sempre fui o espectador mais atento, mais implacável e mais inseparável de mim mesma, desde muito criança. Não que eu me considere a única importância nesse caminhar de anos, mas pela razão de desejar ver de perto, em todos os seus aspectos, a minha verdade em relação a mim mesma através da verdade dos outros. Em força não opera segundo a grandeza das superfícies dos nossos sentimentos nem nos movimentos depurados do nosso pensamento, mas segundo a quantidade e a qualidade das nossas ações que devem abranger todas as distâncias num perfeito e contínuo ritmo. (NERY, 1974, p.62)

Absorto nessa imagem fantasiosa, desprovida de qualquer referência que lhe sirva de alicerce, Berenice, perante o espelho, procura encontrar no Outro o seu Eu ideal. Sendo assim, engolida por essa falha na identificação oriunda de um olhar que lhe serviria como fronteira entre o real e o simbólico, Berenice percebe-se sujeitada ao vazio de sua identidade.

Por conseguinte, é possível reconhecer na descrição da narrativa os traços melancólicos da personagem em análise, pois suas palavras ressoam o lamento da dor de sua existência. Em outras palavras, o enredo apresentado por Berenice revela os infortúnios de uma mulher, cuja sina é marcada pela dor, desilusão e morte.

Sofri das angústias mais lentas e agudas, que pareciam devorar e destruir a minha existência. O meu pensamento vivia escorraçado de qualquer equilíbrio, e havia dias em que eu tinha como tantas vezes vontade de fugir, de andar sem rumo pelo infinito adentro, até gastar o meu corpo de encontro às pedras, aos barrancos e no pó das estradas sem nome. Para minha tristeza, o infinito era o único ponto de relação. No meu passado, recebera faíscas de luz, como relâmpagos. O resto eram tempestades de torturas complexas onde flutuava, como alga morta nas correntes, desmanchada na profundidade. (NERY, 1974, p.132-133)

Nesse cenário nebuloso a voz que enuncia traz à tona os destroços de um Eu despedaçado que definha diante de sentimentos inarmônicos ante a iminência da morte. A fragmentação desse Eu é perceptível na escrita de Adalgisa Nery, afinal, o ego da heroína entra em ruína diante de uma perda real, porém inominável. Haja vista que para o melancólico a perda é inconsciente, ou seja, o melancólico sabe o que perdeu, mas não sabe o que foi perdido.

Eu senti uma tristeza tão espessa envolvendo a minha figura de transeunte naquela casa, que o pranto se transformou em dor física. Fui para o meu quarto, atirei-me na cama e quis chorar, mas eu estava tão seca, tão encolhida, tão apertada que não encontrei o fio do meu pranto. Abri a

boca de encontro ao travesseiro e expeli um urro de animal. O meu corpo se balançou com a minha voz e, depois como a chegada de chuvas benditas, as lágrimas vieram como a água sobre as pedras e eu chorei. Chorei muito. Chorei por tudo que não sabia definir. (...) Chorei ainda pelos sinos que dobravam e pelo que eu não sabia claramente mas percebia estar a caminho, de encontro aos anos de vida a princípio manso, depois violento e incontido, como se o meu peito tivesse enlouquecido em fúria. (NERY, 1974, p.70-71)

Conforme a teoria psicanalítica, quando o sujeito se defronta com uma perda objetual há um trabalho de investimento libidinal para que o ego transfira para outro objeto a sua libido. Portanto, vemos que durante toda a narrativa a heroína, embora com a descoberta do amor e com o advento da maternidade, não consegue se reelaborar. Durante todo o desenlace do enredo percebemos que a protagonista não consegue se reconstituir. Conquanto, as experiências agressivas vivenciadas no real fizeram com que Berenice buscasse na escrita um meio de evitar que o seu Eu entrasse em colapso, ou seja, evitasse o transbordamento das suas ruínas.

A minha tranquilidade diminuía com o correr dos dias. Nas coisas mais corriqueiras, nas palavras mais comuns, nos gestos mais destituídos de significação brotava a desarmonia mais aguda e, hora a hora, cada vez mais, o ambiente e a vida tornavam-se aterradores. Como soma, eu apenas encontrava tristezas, desagregação, ruínas e sentimentos e via desaparecerem os simples e naturais interesses pelas coisas mais normais e insignificantes tão necessárias ao ser vivente. (NERY, 1974, p.122)

Considerando que a psicanálise olha o sujeito desde o início de sua constituição, a personagem não apresenta apenas o retrato de uma mulher insatisfeita, embora a vida mediana de uma sociedade patriarcal lhe tenha subjogado, por outro lado, a angústia vivenciada desde a sua infância retira de Berenice o seu vigor resultando em uma existência de torpor, pois é indissociável a relação entre o corpo físico e o corpo psíquico, em outras palavras, o calvário vivido no âmago desemboca o desalento no corpo da heroína. O que Berenice nos faz conhecer de sua história é uma efígie daquilo que é produzido na sua psique.

Vemos que desde a infância, Berenice, se relaciona com o mundo de maneira depressiva, o modo como ela abstrai o que está em sua volta descortina um ser melancólico, cujos infortúnios culmina em uma obra, onde o protagonista amordaçado pelos martírios da existência humana vocifera em brados corpóreos.

Encontrando na escrita um mecanismo de defesa, a narradora absorve a melancolia como uma característica para a sua sensibilidade poética. Muitos artistas, filósofos e pensadores viam, assim como Berenice, a melancolia como um privilégio.

Esse pensamento tem seu alicerce em Aristóteles, pois o filósofo grego, em seu discurso, conceituava a melancolia como um presente de Saturno para os homens de excepcional genialidade. Embevecida pelos ideais aristotélicos a protagonista se enfurece ao ouvir dos lábios do seu cônjuge que ela era desprovida de toda poesia.

Na semana em que meu marido morreu, ele chamou-me quando os seus amigos estavam reunidos junto dele. – “Sempre afirmei que a minha mulher não tinha conteúdo poético, nem possuía qualidades de sensibilidade capazes de satisfazer a um homem como eu. Várias vezes disse que lhe faltava romantismo, sem negar, entretanto, que era uma boa mãe e ótima companheira. Estava enganado. (...) Não sei se realmente ele viu essas qualidades ou se foi uma forma de se desculpar diante da morte e dos amigos, pelas injustiças e pelos desajustamentos que levantado e cultivado na minha personalidade durante os anos de convivência. Aceitei a explicação do seu engano quase com naturalidade e até mesmo com um pouco de humilhação. Preferia que ele tivesse morrido sem reconhecer intimamente ou de público as minhas forças. Elas eram minhas e não iriam ser aumentadas por uma declaração de moribundo. (NERY, 1974, p.169)

O pensamento aristotélico corrobora com a visão de que Berenice tem de si, visto que a constituição da sua alma define a forma como ela apreende o mundo que lhe cerca. Em outras palavras, a natureza melancólica da personagem, seus valores e costumes influenciavam determinadas manifestações, afinal, determinadas ações e sentimentos são características de um sujeito melancólico.

Às vezes, o pensamento me vem, como agora. É como se todos os instantes em que vivi tivessem deixado uma profunda marca sobre as múltiplas facetas do meu ser. (...) Estou ao largo da madrugada. Chego à janela aberta. O primeiro plano da paisagem é a rua asfaltada, cortada por trilhos e polidos pelo uso. O segundo plano é um pequeno morro salpicado de casebres. Sobre todas essas coisas um imenso e profundo céu, e o silêncio. Se eu pudesse alcançar o cume da mais alta montanha do universo e varrer com o olhar toda extensão do globo terrestre, veria que a única coisa que existe é a solidão. (NERY, 1974, p.19)

Os relatos de Berenice que são revelados na escrita de Adalgisa Nery, nos apresenta um sujeito que foi subjugado, um sujeito que foi tendo sua voz silenciada diante dos seus algozes. A obliteração da heroína nos mostra um indivíduo melancólico, um indivíduo sem alteridade, um indivíduo que só existe a partir do Outro, do olhar do Outro.

O enredo descortina um personagem que não tem interesse pela vida diante da árida condição humana. Por vezes nos deparamos com a personagem perdida perante a perda. O debulhamento da narrativa descortina um Eu em desmoronamento diante da austero existência, por conseguinte, fica perceptível na protagonista à perda da capacidade de sentir prazer na vida.

Eu não podia amar a vida, porque estava tão unida às suas crueldades e surpresas fatais que a perspectiva não se fazia. Olhava-me a mim mesma, com a lonjura de quem se sentisse já morta e com uma profunda repugnância de toda a revolta da minha carne. Que valiam o meu corpo e a minha mocidade? Sim amar a vida!... Pelo que nunca me deu! O meu orgulho acre de miseravelmente roubada por ela, não permitia submissão nem amor. Eu vivia em agressivo silêncio. Às vezes os acontecimentos me pareciam uma dança nascida de uma inspiração individual, uma estilização de comoções e choques particulares. E, nessa troca de prazeres dolorosos, eu conseguia fazer um prodígio de arte. Sob a coreografia tenebrosa, a angústia batendo nos meus ossos, o medo das forças misteriosas da surpresa ameaçadora, o pânico do espírito exangue, o terror batia ritmadamente no meu ser. Grandes espetáculos do meu íntimo! Muitas vezes me perguntei por que continuava a viver, se nada me prendia à existência. (NERY, 1974, p.159)

Em concordância com a teoria psicanalítica freudiana, compreendemos que não apenas o mundo, mais o interior de Berenice encontrava-se pobre e vazio. Afinal, dessemelhante ao luto, na melancolia, o desânimo é profundo e a cessação de interesse pelo mundo externo é acentuado. Em outras palavras, “o fracasso do aparelho psíquico em transformar energia livre em representações psíquicas manifesta-se como dor”, haja vista que, o melancólico não consegue realizar a travessia de sua imagem narcísica, ou seja, o objeto perdido retorna para o Eu.

O desencadeamento da melancolia é pontual em toda a narrativa. A alma de Berenice estava despedaçada, por mais que num lampejo de sobrevivência buscasse meios que lhe fortalecesse, sua busca não obtinha êxito, ou seja, não existiam recursos que proporcionasse avaliar suas insuficiências.

Paralisada diante dos seus desejos, deles desistindo, nessa relação de identificação imaginária com o Outro, a heroína fracassa ao tentar se recompor. Gradualmente, no desfecho do enredo, é notório a decadência de sua autoestima, em outras palavras, a auto-recriminação e o auto-aviltamento a impossibilita de prosseguir.

No meu tempo de menina essas contrações a minha alma não eram tão nítidas, nem eu, por mais que desejasse esclarecer as fontes, não encontrava o caminho. Hoje mulher repassada de sustos, angústias, pressentimentos bárbaros, prantos secos, coberta de frustrações nos meus mais nobres e fortes sentimentos, sofrendo as penas dos enganos que eu, deliberadamente ou não, deixei que me invadissem, curtida de indiferenças, ascos, de repulsas e descrenças, tenho um profundo desprezo por mim mesma. Ninguém teve na vida grande valor de me fazer mal. O que recebi de tristezas e de sofrimentos foi um conjunto de fermentações belas e horrendas que eu, através de uma sensibilidade monstruosa, sorvi com prazeres e dores iguais. Não nego um só instante as coisas que me chegara. O mal que aconteceu passar por mim, fui eu quem me proporcionou através do meu temperamento de perscrutadora e

de aventureira em larga escala das matas insondáveis e impenetráveis que é a vida. Pela minha sofreguidão poética, eu me derrubei a ponto de esfregar a boca em desespero no pó do chão crestado e inimigo. Também guiada por ela levantei o olhar às mais altas distâncias e recolhi para os meus sentidos os momentos mais grandiosos e penetrantes que deram ao meu espírito um deslumbramento e uma glória sem limites. O mal foi um efeito que teve a causa em mim. (NERY, 1974, p.72)

A cronologia dos fatos narrados reverbera os fantasmas, as perdas, a debilidade e a neurastenia do corpo perante o sofrimento. Na incessante busca pelo “amor” ou na tirania se sua falta Berenice perde suas forças no desencanto da imagem descoberta. Pois sua fragilidade decorre da certeza do amor que a heroína julga sentir. Tal sentimento a torna vulnerável, pois conforme Freud (1930) “nunca estamos tão desprotegidos perante o sofrimento como quando amamos, e nunca, tão irremediavelmente infelizes, como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor.”

Berenice degrada pela desesperança de nunca encontrar o amor que a arrebataria das mãos desses opressores, a personagem se rende, ou seja, a tristeza engolfa esse corpo que fora modelado por uma imagem de si que se perdeu e na identificação fantasmática da imagem que hoje lhe é refletida no olhar do Outro.

O amor foi a única necessidade da minha alma, e a minha natureza revelou-me a mim mesma o ponto essencial de toda a minha existência. As minhas tristezas de criança nasceram por falta de amor, as minhas inquietações de adolescente surgiram por falta de amor, as minhas decepções de mulher apareceram por falta de amor, as lutas da minha viuvez foram agigantadas por falta de amor. Todos os meus atos futuros foram decorrentes dessa procura desenfreada da minha alma. É possível que eu morra sem recebe-lo, mas continuarei a procurá-lo na sua fonte poderosa, nas coisas simples, no céu profundo das noites escuras, nos mares agitados e até nas minhas lágrimas. Só ele poderá salvar a minha essência e leva-la às mãos do Criador. Só ele poderá elevar-me e só ele poderá dignificar-me para a morte. Coisa nenhuma – nenhum fato da minha vida, alegria ou tristeza, desviou essa procura desatinada da minha natureza. Em tudo que fiz, implantei conscientemente a sua força eterna, embora tenha sempre encontrado o vazio acompanhado das lágrimas. Mas tudo era amor. (NERY, 1974, p.193)

Designada ao encarceramento de suas angústias, Berenice, gradativamente, sofre os dissabores de um ego fragmento resultante de uma perda narcísica. Como um sujeito aprisionado em uma masmorra, a heroína, vê na imagem que é transmitida pelo olhar do Outro um meio de suprir sua falta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção literária de Adalgisa Nery conduz o leitor a apreender a hostilidade que o feminino sofria no século XX. Além disso, a autora descortina a dor, o sofrimento que a personagem sentiu em suas entranhas devido a sua incessante busca de ser compreendida e amada. Outrossim, a incompreensão e o insucesso no amor revelam uma atitude platônica que engloba todo o enredo do romance, razão pela qual o definhamento da esperança e do desejo de Berenice é narrado em ordem cronológica.

Ao descortinar a obra de Nery, *A imaginária*, com o ponto de vista psicanalítico vemos que a melancolia é uma construção intrínseca, ou seja, estar relacionada com a constituição corpórea do sujeito, cuja característica é marcada pelo entrelaçamento com uma imagem narcísica e com os outros a partir de suas experiências fantasmáticas no real.

Diante do exposto, a teoria psicanalítica explica que o eu ideal é edificado a partir do primeiro reconhecimento que o sujeito tem de si diante do espelho. À vista disso, percebemos que a projeção que Berenice teve de si durante o estágio do espelho lhe foi absolvido como sendo ideal, em outras palavras, o que foi projetado com sendo o ideal para a heroína serviu como o substituto narcísico daquilo que fora perdido em sua infância.

Por conseguinte, durante toda a narrativa é possível perceber que a protagonista manteve uma relação com o Outro e consigo mesma baseada em uma imagem fantasmática de si para que sua alteridade fosse consolidada e assim torna-se um indivíduo sociável.

Por fim, alicerçados nos conceitos psicanalíticos percebemos que a tristeza de Berenice frente as circunstâncias agres da vida tem um caráter melancólico, haja vista que na melancolia a dor que sucumbe o “Eu” tem uma duração maior em relação ao luto padecido pela personagem. Consequentemente, vemos, gradativamente, na heroína, a degradação libidinal, o insucesso psíquico ao tentar reelaborar, em outras palavras, a perda progressiva de sua autoestima a incapacita de prosseguir, por isso, se entrega a um desânimo profundo e penoso.

REFERÊNCIAS

BELLEMIN-NOEL, J. *Psicanálise e Literatura*. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BERLINCK, Luciana Chauí. **Melancolia: rastros de dor e de perda**. São Paulo: Humanitas, Associação de Acompanhamento Terapêutico, 2008.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRANCO, Felipe Castelo. **Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Vol, 17. No 1. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000100006 Acesso em: 27/09/2017.

CORDÁS, Táki Athanássios; EMILÍO, Matheus Schumaker. **História da melancolia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERREIRA, Maria de Fátima. **A dor moral da melancolia**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAMBOTTE, Marie-Claude. **Estética da melancolia**. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

MILLER, Jacques-Alain. **A imagem do corpo em psicanálise**. Extraído de *Opção Lacaniana*, n°52, set/2008 p. 17-27. Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/09/a-imagem-do-corpo-em-psicanalise-28.html> Acesso em: 20/10/2017.

NERY, Adalgisa. **A imaginária**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.